



Aula 02 – Realismo e Naturalismo + O alienista

ITA 2020

Professora Celina Gil

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
<i>1 – O Realismo</i>	3
<i>2 – Realismo no Brasil</i>	8
<i>2.1 – Machado de Assis</i>	9
<i>3 - Naturalismo</i>	12
<i>3.1 – Naturalismo no Brasil</i>	13
<i>3.2 – Realismo X Naturalismo</i>	15
<i>5 – Exercícios</i>	16
<i>5.1 – Lista de exercícios</i>	16
<i>5.2 – Gabarito</i>	30
<i>5.3 – Exercícios comentados</i>	31
<i>Referências</i>	50
<i>6.1 – Obras principais</i>	50
<i>6.2 - Imagens</i>	51
<i>Considerações finais</i>	51



Apresentação

Caro aluno,

Na aula de hoje, vamos nos debruçar sobre o Realismo. Dos movimentos literários brasileiros, esse é um dos mais importantes, pois um dos nossos autores mais importantes pertence a esse movimento: Machado de Assis. Uma das obras de leitura obrigatória do vestibular do ITA do ano passado está aqui: o conto O alienista, de Machado de Assis. Assim, é um movimento importante para ser analisado!

Além disso, veremos também o **Naturalismo**, escola literária comumente associada ao Realismo, por serem contemporâneas e compartilharem de algumas referências.

Nessa aula, então, você verá:

- As origens do Realismo e do Naturalismo da Europa e os principais autores;
- O Realismo e Naturalismo no Brasil.

Vamos lá?

1 – O Realismo

O **Realismo** é um movimento literário que ocorre na segunda metade do século XIX. Nessa época, a Europa se encontrava num momento de **industrialização** bastante consolidado. É um período marcado por alguns eventos:

- Com a Segunda Revolução Industrial, é preciso expandir mercados. Assim, as potências europeias investem numa segunda colonização, diferente da anterior. A **nova colonização na África** busca novos mercados e mão de obra barata para suprir uma produção muito acelerada.
- Eclodem conflitos de viés **nacionalista**, como a unificação da Alemanha e da Itália.
- Alguns pensamentos filosóficos se instauram, trazendo novas noções de **classe** e **nação**.

O homem já havia compreendido que era possível se relacionar com o mundo a partir do conhecimento científico e, inclusive, que era possível dominar a natureza. Por isso, ele **começa a deixar de lado o apego à emoção e à subjetividade e começa a se apoiar na noção de real**.

A busca por realismo nas artes é antiga. Desde o Renascimento, os artistas buscaram uma representação o mais fiel possível das imagens. Neste momento, porém, diferente dos anteriores, o homem começa a buscar uma **imitação do mundo em que vive**. Se antes os artistas se dedicavam à representação de mitos clássicos ou imagens religiosas da antiguidade, no Realismo **os artistas começam a olhar para as classes trabalhadoras urbanas e rurais e para a burguesia**.

Nas artes plásticas, o principal artista foi Gustave Courbet. Seu trabalho buscava uma representação fiel do homem simples contemporâneo. Na Figura 1, vê-se um autorretrato do artista como exemplo de sua busca pelo maior grau de realismo possível.





Figura 1 - O homem desesperado (1843 - 1845), Gustave Courbet

É também no século XIX que surge uma inovação tecnológica que influencia a arte sobremaneira: a fotografia. Pela primeira vez era de fato possível captar a imagem do real.



A fotógrafo, no início, não era considerado um artista, mas sim um **técnico**. A fotografia é um processo mecânico, mediado por um equipamento. Ela se materializa a partir de processos físico-químicos.

A fotografia era capaz de colaborar com a **ciência** e, por isso, é muito valorizada no final do século XIX.

Essa questão será decisiva para que, no início do século XX, as artes plásticas se comprometam mais fortemente com a criatividade do que com a representação mimética. Veremos isso melhor nas próximas aulas de Literatura para ITA.

É também no século XIX que ocorre uma mudança radical no **pensamento do homem**. Uma série de descobertas científicas e teorias filosóficas começam a questionar a sociedade do modo como ela se dava até então. As noções de sagrado e de destino ficam comprometidas. Se antes o homem se sentia um ser completo e em harmonia, **o homem moderno se sente fragmentado**, sem lugar no mundo. Algumas das teorias da filosofia responsáveis por provocar grandes questionamentos no homem foram:

Charles Darwin

Darwin (1809 – 1882) conclui que **as espécies não são imutáveis**. Elas mudam ao longo do tempo por um processo de seleção natural: os indivíduos que melhor se adaptam a um determinado ambiente têm maior probabilidade de sobreviver, se reproduzir e passar suas características vantajosas para a descendência. Mas se o homem é resultado de um processo evolutivo biológico, então não foi criado à imagem e semelhança de Deus; **não somos, portanto, divinos**.

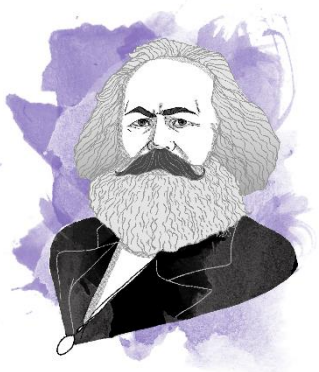


Friedrich Nietzsche

Nietzsche (1844 – 1900) acredita que alguns conceitos se tornaram indissociáveis: **humanidade, Deus e moral**. Para ele, os homens não alcançam seu potencial nem sua felicidade porque se impõem **limitações ligadas à moral e a valores elevados** (representados pelas religiões). As religiões limitam o presente do homem com promessas de paraíso. Consciente da finitude, o homem inventa religiões, ao invés de aproveitar o momento presente – único mundo real possível.

Karl Marx

Marx (1818 - 1883) propõe uma abordagem diferente para a história do homem em sociedade: para ele, são as **condições materiais** que determinam como cada um se encaixa no tecido social e mudanças nos meios de produção causam mudanças socioeconômicas (como o surgimento das classes burguesia e proletariado após a Revolução Industrial). Logo, **as classes sociais não são naturais**, mas sim parte de um sistema político e econômico em que o mundo se encontra.



Sigmund Freud

Freud (1856 – 1939) elabora sua teoria nos derradeiros anos do século XIX. Sua contribuição mais impactante foi a noção de **inconsciente**. Segundo Freud, há dois níveis da psique: o consciente, que temos acesso e controle; e o inconsciente, que não somos capazes de acessar. No entanto, o inconsciente é responsável por ditar nossas ações e comportamentos. **Há algo dentro do homem que o controla** ainda que ele não saiba disso.



ACORDE!!

Independente de concordar ou não com as ideias, seu aparecimento provocou abalos no homem do séc. XIX que se via num momento de diminuição do poder das instituições até então consolidadas. O ser humano, até então muito seguro de si e de sua posição no mundo, começa a ver surgir uma série de questionamentos que se refletem na literatura.

No movimento Realista, essas questões aparecem em muitos aspectos:

Crítica social

- Crítica às instituições que sustentam o modo de vida da sociedade burguesa: a família, o casamento, a Igreja e a burguesia econômica. Há preocupação com o tempo presente.
- As promessas de liberdade - em diversas instâncias das revoluções burguesas não se concretizam. O desencantamento com a sociedade se apresenta na literatura na forma de ironia principalmente.
- Os temas tendem a ser mais urbanos.

Linguagem mais objetiva

- A linguagem se torna mais direta, mais próxima do falar cotidiano – sem cair, no entanto, em usos distanciados da norma culta: a linguagem é descritiva e detalhada.
- Faz-se mais uso da descrição do que das figuras de linguagem, tendo em vista a verossimilhança com a realidade.

Combate à idealização

- Se no Romantismo há uma visão idealizada do cotidiano, no Realismo há uma busca de retrato da realidade mais objetivo, com todas as imperfeições que ela possui.
- A ideia de divino e metafísico estava sendo questionada e, portanto, os temas ligados ao real e ao cotidiano ganham força.
- A maioria dos protagonistas são homens burgueses comuns e os conflitos que eles vivem no seu ambiente social.
- A questão não é só reproduzir a realidade mais, mas sim compreendê-la.

Personagens complexas

- Há, no comportamento das personagens, a denúncia de mazelas sociais, como a hipocrisia, a corrupção, a pobreza e a exploração de um homem pelo outro. Os heróis são problemáticos, com diversas fraquezas e defeitos.
- Análises psicológicas mais profundas, o que resulta muitas vezes em narrativas dedicadas ao **tempo psicológico**. Digressões e questionamentos das personagens são comuns dos textos.



TEMPO PSICOLÓGICO?

Algumas vezes na aula falaremos essa expressão. Mas o que ela significa em termos de narrativa?

O tempo psicológico é como se fosse o **tempo particular da personagem**. Não é necessariamente igual ao tempo cronológico (que é igual para todos). **Cada personagem sente a passagem do tempo de um modo.**

Normalmente, aparece através das memórias e digressões das personagens, já que a maneira como se percebe o tempo está ligada às emoções e pensamentos particulares.

Os principais autores que constituíram o Realismo na Europa e serviram de inspiração para os escritores brasileiros são:

EUROPA

Honoré de Balzac

- Considerado o fundador do realismo na literatura, ficou muito conhecido por escrever romances com análises e observações muito detalhadas acerca das situações e das personagens.
- É uma das principais referências declaradas de Machado de Assis.
- Principais obras: A mulher de trinta anos (1831), Pai Goriot (1834), As Ilusões Perdidas (1839) e A Comédia Humana (1820 – 1842).

Stendhal

- Escritor de estilo de escrita profundo, porém seco.
- Se filia a um realismo psicológico, fazendo análises profundas da personalidade das personagens. Muito crítico da sociedade da época.
- Principal obra: O vermelho e o negro (1830).

Leon Tolstói

- Um dos escritores russos mais conhecidos e considerados mais importantes.
- É um dos fundadores do realismo na Rússia.
- Principais obras: Guerra e Paz (1869), Anna Karenina (1877), A morte de Ivan Ilitch (1886).

Gustave Flaubert

- Se dedicava a uma profunda análise psicológica e da constituição da sociedade do século XIX.
- Analisa a realidade e o cotidiano da burguesia com riqueza de detalhes.
- Principais obras: Madame Bovary (1857) e A Educação sentimental (1862).

Antero de Quental

- Autor famoso pelo episódio da Questão Coimbrã (ou Questão do Bom senso e Bom gosto): polêmica entre autores do Romantismo e do Realismo portugueses.
- Principal obra: Odes modernas (1865).

Eça de Queiroz

- Principal romancista realista português.
- Linguagem objetiva, descritivismo, ironia e análise de caráter.
- Critica a Igreja, a burguesia e a elite, em contraposição à exaltação da simplicidade portuguesa.
- Principais obras: O crime do Padre Amaro (1875), O primo Basílio (1878), A relíquia (1887), Os Maias (1888), A ilustre casa de Ramires (1900) e A cidade e as Serras (1901).

2 – Realismo no Brasil

O Brasil da segunda metade do século XIX é muito conturbado. Mudanças de governo, de estrutura de trabalho, chegada de novas ideias vindas principalmente da Europa e uma ascensão de um capitalismo industrial e urbano começam a modificar o pensamento da época.

Se para os autores europeus a **denúncia da hipocrisia** das relações pessoais na sociedade era um tema importante, no Brasil essa preocupação se traduziu principalmente na análise da realidade da **escravidão**. **Um país que se pretendia moderno e recentemente independente não poderia continuar aceitando um sistema que impedia a liberdade de outros seres humanos**. O conjunto de ideias liberais que vinha ganhando espaço no Brasil se chocava com a escravidão.

O problema é que o Brasil do século XIX ainda era majoritariamente agrário e, por isso, dependia da mão de obra escrava para manter a produção. Com a abolição da escravatura em 1888, duas questões se colocam no Brasil: **a chegada de estrangeiros para substituir a mão de obra escrava e a condição social dos ex-escravos**, que acaba culminando na formação dos morros, favelas e cortiços. Este tema será também bastante caro para os escritores do período.

A segunda metade do século XIX também é pautada na política pelo que ficou conhecido como “parlamentarismo às avessas”, período em que D. Pedro II escolhia o primeiro-ministro a partir da concordância dos dois partidos existentes na época: o Partido Liberal e o Partido Conservador. Na prática, porém, ficavam mantidos os interesses da camada mais rica.

Com a Proclamação da República em 1889 pouco muda a situação da política brasileira, pois se instaura a aliança conhecida como “Política do café com leite”, em que representantes de São Paulo e Minas Gerais predominavam no governo, mantendo o domínio das oligarquias intacto.

As teorias acerca da ideia de **classes sociais** também alcançam o Brasil, provocando questionamentos nesta estrutura política brasileira. A negação do poder das oligarquias e os questionamentos acerca da religião serão também inspiração para muitas obras literárias do período.

Os principais autores do período no Brasil são **Machado de Assis** e **Raul Pompeia**. Machado de Assis é, no entanto, o autor mais importante do período. Considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira, Machado escreveu o conto que é obra obrigatória do vestibular do ITA, *O alienista*. Por isso, vamos nos dedicar mais profundamente a esse autor.



Nos estudos de Literatura Brasileira, não há poesia realista, apenas prosa! Portanto, não gaste seu tempo buscando investigar poesia nesse momento!

2.1 – Machado de Assis



Machado de Assis (1839 – 1908) nasceu no Rio de Janeiro, pouco antes do início do **Segundo Reinado**, período que compreende o tempo em que Dom Pedro II (1840-1889) estava no trono. Machado atuou como **cronista** ao longo desse período.

Machado veio de uma família humilde: seu pai era operário pintor e os avós tinham sido escravos na chácara do Livramento – local que seu pai manteve uma ligação, tanto como trabalhador como quanto **agregado** da família dos proprietários. Era o que se chamava de filho de “pardos forros”, ou seja, de negros que tinham obtido alforria. Além da pele escura, Machado ainda era levemente gago. Na segunda metade do século XIX isso

representava muitas dificuldades!

Ainda assim, a família de Machado passou da escravidão a um espaço de relativa respeitabilidade na sociedade. Mesmo sendo de família de escravos, Machado era afilhado de uma senhora ilustre da sociedade e residia em uma boa casa. Seus pais sabiam ler e escrever, o que era raro.

Sua juventude pautou-se na criação de vínculos rumo a uma via de ascensão social. Participava de conservatórios, arcádias, clubes, era poeta, dramaturgo e crítico. Aos 15 anos começa a trabalhar como aprendiz de tipógrafo (executor de serviços tipográficos de composição, paginação ou impressão). Posteriormente, atua como jornalista, profissão que lhe rendeu grandes contatos políticos e literários. Aos 27 anos, ingressa no serviço público, onde ficaria até o fim da vida.

Machado de Assis produziu obras em diversos gêneros. Há publicações de **teatro**, **poesia**, **crítica** e **contos**. Segundo Roberto Schwarz (1987, p. 173), **“foi possivelmente o maior escritor brasileiro, e com certeza o mais reconhecido e festejado em vida”**

Dentre seus **contos** mais conhecidos estão **O alienista (1882)**, **O espelho (1882)** e **A cartomante (1884)**, **Missa do galo (1893)**, **Pai contra mãe (1906)**.

É sua obra como romancista, no entanto, que se tornou a mais destacada. Apesar de escrever romances desde os anos 1870, é apenas em **Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)** que o autor alcança maturidade literária.

O primeiro romance de Machado de Assis, **Ressurreição (1872)**, antecipa um traço que se tornará característico seu ao longo do tempo: um olhar irônico do narrador sobre as personagens. Neste romance, Machado também flerta com uma ideia que acompanha muito de suas obras: a morte.

Em 1874, publica **A mão e a Luva**, numa estrutura de romance de folhetim. Neste romance, Machado já experimenta o traço realista de incluir passagens históricas na história.

Em **Helena (1876)**, Machado experimenta um estilo melodramático – gênero que já não era mais tão popular no fim do séc. XIX. Neste primeiro período, o autor ainda está construindo seu estilo.

Em 1878 ele ainda escreve mais um romance, **Iaiá Garcia**, antes de chegar a sua fase mais conhecida em que se encontram os seguintes romances:



ESQUEMATIZANDO

Quincas Borba

A personagem Quincas Borba, que já aparece em *Memórias póstumas*, neste livro aqui morre, deixando toda a sua herança para o amigo Rubião e o seu "filho", o cachorro de mesmo nome.

Esaú e Jacó

Os irmãos bíblicos do Gênesis aqui encaram seus pares míticos: o Abolicionismo contra o Monarquismo. Gêmeos, farinha nascida do mesmo saco, Natividade, apaixonam-se pela mesma mulher, Flora, e encarnam o destino nacional.

1881

Memórias póstumas de Brás Cubas

Membro da elite, o defunto-autor é uma máscara, por meio da qual Machado irá destacar com cinismo e ironia os mecanismos sociais da época, sobretudo, a escravidão.

1891

Dom Casmurro

O inseguro Bentinho desde muito jovem estava destinado a ser padre. Porém, ainda adolescente acaba por namorar sua amiga de infância, Capitu, quem irá lhe render eternos ciúmes.

1899

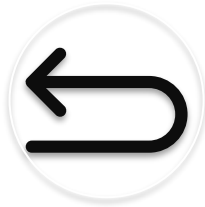
1904

Memorial de Aires

Narrado pelo Conselheiro Aires, personagem que também está em *Esaú e Jacó*, contempla os diários que descrevem a sua fase de aposentadoria entre 1888 e 1889.

1908





Narrativa sem compromisso com a linearidade: as obras de Machado nem sempre obedecem a uma ordem cronológica; muitas vezes, os fatos aparecem conforme são lembrados pelo narrador ou pelas personagens.



Pessimismo: a obra de Machado flerta com o niilismo, com uma visão negativa do mundo e do homem. Muitos de seus personagens são cínicos ou hipócritas, porque é assim que é o mundo. As tendências filosóficas do cientificismo e do evolucionismo são muitas vezes questionadas por ele.



Ironia: o riso é muitas vezes o modo de lidar com o mundo que encara negativamente. Ficou conhecido pelo Humor Machadiano, um humor irônico, que ri das desventuras.



Despreocupação com filiação a um grupo específico: apesar de identificado como um autor realista, Machado bebe de diversas fontes.



A questão da identidade: questionamentos centrais sobre a essência humana ocupam espaço nas obras de Machado. A noção de um homem cindido em mais de um sentimento, da relação da construção do eu a partir do olhar externo e a importância do pensamento são frequentes.



Metalinguagem: Frequentemente as obras contêm informações sobre os capítulos, o leitor, o estilo de escrita, etc. A relação com o leitor – muitas vezes jocosa – também é característica de sua obra.



Psicologismo: analisar aspectos psicológicos e torna-los parte importante do enredo é uma de suas características. Basta lembrar de Dom Casmurro, sua obra mais famosa, cujo enredo gira em torno de uma suspeita de traição a partir de uma série de fatos interpretados segundo a mente do narrador.

3 - Naturalismo

Contemporaneamente ao Realismo, outra escola literária ganha corpo, interpretando o mundo e a nova relação do homem com a ciência: o **Naturalismo**.

A Revolução Industrial havia mudado as relações de trabalho. A introdução de máquinas na produção industrial aumenta a produtividade. O maquinário, fruto de novas técnicas baseadas na racionalização dos processos de produção, aumenta a riqueza de forma exponencial. **A ciência/tecnologia passa a fazer parte do cotidiano das pessoas.** O conhecimento científico avança e impacta a saúde, a indústria, a agricultura e as comunicações. É no século XIX que surgem, por exemplo, a eletricidade e o telefone.

O método científico mostra-se tão eficiente em diversas áreas que começa a ser encarado como possível solução de qualquer problema enfrentado pelos seres humanos. Muitos filósofos começam a flertar com a ideia de que a ciência seria capaz de resolver até mesmo problemas sociais e de relacionamentos. Entende-se que **se fosse possível encontrar as causas da ação humana e analisá-las de maneira científica, seria possível organizar a sociedade de uma maneira mais eficiente.** A esse otimismo exagerado com o método científico e à tentativa de submeter outras áreas da vida humana a essa mesma lógica, dá-se o nome de **Cientificismo**.



É nessa fonte que bebe o movimento naturalista na literatura. A maior influência para o Naturalismo partiu certamente do filósofo **Auguste Comte**. Comte entende que o mundo se encontra num momento científico da história. A partir disso, desenvolve a ideia de **Positivismo**: uma corrente filosófica que defende que o pensamento científico é maior forma de conhecimento. Em 1865 Claude Bernard dá início aos estudos da medicina experimental, ou seja, de experimentos médicos induzidos para fins de observação, inspirado nos ideais positivistas.

O século XIX é um momento de desenvolvimento científico como há muito não se via. A corrente Naturalista pretende, inspirada por esse momento, não só fazer uma observação acurada da realidade, como também embasar esta observação na ciência. O principal autor naturalista europeu é Émile Zola.

Émile Zola

- Principal autor Naturalista europeu, Zola quer, a partir de ideais positivistas, fundir a literatura com o estágio científico da sociedade
- Para ele, é preciso que haja um senso do real ao escrever um romance. Um escritor precisa compreender seu objeto do modo mais profundo possível e dissecá-lo – seja este objeto uma personagem ou a própria sociedade.
- Sua principal obra é o romance *Thérèse Raquin* (1867), considerado o primeiro a concretizar a teoria Naturalista.

As principais características do movimento Naturalista são:

Animalização

- Comparações entre homens e animais (zoomorfismo).
- Destacar aspectos fisiológicos que nos igualam aos animais, o cheiro, o hálito, o suor etc. As personagens são muitas vezes apresentadas como doentes.
- Focalizar comportamentos movidos pelo instinto, abordando frequentemente temas como o erotismo e a sensualidade.

Positivismo e Darwinismo

- Inspiração nas filosofias Positivista e Darwinista, além de uma valorização do cientificismo e do determinismo, ou seja, da influência determinante do meio no homem, fazendo com que seu destino seja inescapável.
- Descrição das personagens reconhecendo que o homem é formado por três variáveis: biologia (condicionamento da raça), momento histórico (condicionamento do momento) e relação social (condicionamento do meio).

Embasamento científico

- Embasamento científico para a escrita literária, incluindo termos que aparecem mais em textos técnicos do que literários.
- Descrição minuciosa de eventos, ambientes, formas físicas, etc.

3.1 – Naturalismo no Brasil

O principal representante do **Naturalismo no Brasil** foi **Aluísio Azevedo**. Ele é considerado o autor que dá início ao Naturalismo no Brasil. O livro considerado iniciador do movimento é *O mulato* (1881), obra de Azevedo que critica o racismo na sociedade brasileira do fim do século XIX. **O cortiço (1890), no entanto, é sua obra mais significativa.**

Como escritor naturalista, Azevedo tinha um objetivo com sua obra: entender como o ser humano, com tudo aquilo que ele tem de inato e instintivo, natural, responde ao meio e momento histórico em que se encontra. Diferente dos românticos, **um escritor naturalista não idealiza as personagens**. Por isso, a obra de Azevedo é permeada por retrato crus, com **defeitos e patologias** das suas personagens.



Suas principais características são:



Composição baseada na ciência: a observação e o experimento são o modo como o autor crê que se deve entender a realidade. É observando como os seres humanos se comportam em seus meios e momentos que se é capaz de compreender a sociedade.



Pessimismo: há uma visão crítica, pessimista, do homem e da sociedade. Suas personagens são frequentemente animalizadas ou cheias de vícios e a sociedade é hipócrita em todos os níveis, tanto as classes mais baixas quanto as mais altas. Para Azevedo, a crítica não é só às oligarquias, mas ao comportamento da população em geral.



Estilo cru na escrita: sem o uso de metáforas ou muitos floreios, Azevedo escreve de maneira seca, crua, sobre a realidade. Tentativa de aproximação do real tanto quanto for possível.

O cortiço é o livro que Aluísio Azevedo acreditava ter mais se aproximado dos ideais naturalistas de literatura que buscava. Inspirado pelas técnicas do escritor Émile Zola, Azevedo promoveu uma **investigação profunda na sociedade**. Para a escrita do livro, o autor conversou com trabalhadores das cidades, visitou morros e cortiços, documentou a maneira que falavam e detalhes sensíveis sobre essas populações (cores, cheiros, texturas etc.). Azevedo também presenciou conflitos e manifestações, tanto no nível individual como social, entendendo o que movia essas pessoas e quais eram suas demandas enquanto classe.

É importante se atentar, quanto à estrutura formal da obra, que **O cortiço** é uma obra com autor em 3ª pessoa, onisciente. Isso se dá porque dessa forma o autor pode **analisar de fora** o que está acontecendo, se comprometendo ainda mais com a **observação isenta e científica da realidade**. Como o narrador não participa da história, não faz julgamentos baseados na emoção, mas sim na razão e no que está vendo.

Outros aspectos importantes da obra são:

- **Caráter de formação:** o livro tem papel inaugural e de formação do Naturalismo no Brasil.
- **Ascensão social pelo entendimento do meio:** as personagens que ascendem socialmente são aquelas que reconhecem o que há de incontrolável nos seres humanos e sabem usar disso no meio social em que se encontram.
- **Animalização do homem:** o homem age movido por instinto e pela pulsão sexual.
- **Cortiço é personagem:** O cortiço reconstruído após incêndio é uma alegoria da sociedade brasileira da época. A sociedade do fim do séc. XIX no Brasil acredita numa visão organizadora a partir de um sistema capitalista articulado, que colocaria uma ordem no ambiente.
- **Questão étnico-racial:** As personagens negras e brancas são descritas de maneira diferente, se filiando a uma ideia determinista de que há uma diferença natural entre negros e brancos.

3.2 – Realismo X Naturalismo



RESUMINDO

REALISMO	NATURALISMO
Representava desvios morais	Representava desvios sociais e sexuais, mazelas.
Romance documental, fotografa a realidade para dar impressão de vida real, psicologismo . Retrato da alta burguesia da segunda metade do século XIX.	Romance experimental, que pretende apoiar-se na experimentação científica e numa tese , no determinismo, no evolucionismo, no homem é fruto do meio.
Impassibilidade. Narrador em um ângulo neutro, não há interesse em agradar ao público, mas sim em retratar a realidade tal qual ela é .	Arte engajada, preocupações políticas e sociais.
Seleciona os temas, tem aspirações estéticas.	Detém-se nos aspectos mais torpes e degradantes.
Reproduz a realidade exterior bem como a interior, por meio da análise psicológica.	Centra-se nos aspectos externos: atos, gestos, ambientes, personagens e seus instintos, animalização, zoomorfismo.
Volta-se para a psicologia, para o indivíduo. Nomes: Dom Casmurro, Quincas Borba, Brás Cubas.	Volta-se para o coletivo, para a biologia, a patologia, centra-se mais no social.
Retrata e critica as classes dominantes, a alta burguesia.	Espelha camadas inferiores: o proletariado, os marginais, o povão.
É indireto na interpretação, o leitor tira as suas conclusões: sutil, sugere .	É direto na interpretação, expõe conclusões, cabendo ao leitor aceitá-las ou discuti-las: grotesco, mostra .
Grande preocupação com o estilo.	O estilo é relegado ao segundo plano; no primeiro, há denúncia.
Principal autor brasileiro: Machado de Assis	Principal autor brasileiro: Aluísio Azevedo

5 – Exercícios

Antes de começar nossas questões, alguns avisos:

- Há questões de repertório sobre Romantismo e Naturalismo, envolvendo outras obras, para ajudar você a fixar as características dos movimentos literários.

Vamos lá?

5.1 – Lista de exercícios

1. (FUVEST – 2019)

I. Cinquenta anos! Não era preciso confessá-lo. Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto* como nos primeiros dias. Naquela ocasião, cessado o diálogo com o oficial da marinha, que enfiou a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala, lembrou-me dançar uma polca, embriagar-me das luzes, das flores, dos cristais, dos olhos bonitos, e do burburinho surdo e ligeiro das conversas particulares. E não me arrependo; remocei. Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus cinquenta anos.

*ágil

II. Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! É preciso explicar tudo.

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

A passagem final do texto II – “Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.” – denota um elemento presente no estilo do romance, ou seja,

- a) o realismo, visto no rigor explicativo dos fatos.
- b) a religiosidade, que se socorre do auxílio divino.
- c) o humor, capaz de relativizar as ideias.
- d) a metalinguagem, que imprime linearidade à narração.
- e) a ironia, própria do discurso positivo.



2. (FUVEST - 2018)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não estacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, O cortiço.

* ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

Uma característica do Naturalismo presente no texto é:

- a) forte apelo aos sentidos.
- b) idealização do espaço.
- c) exaltação da natureza.
- d) realce de aspectos raciais.
- e) ênfase nas individualidades.

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões 3 a 5:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

3. (UNESP - 2018)

A perspectiva do narrador diante das situações e dos fatos relacionados à escravidão é marcada, sobretudo,

- a) pelo saudosismo.
- b) pela indiferença.
- c) pela indignação.
- d) pelo entusiasmo.
- e) pela ironia.

4. (UNESP - 2018)

O leitor é figura recorrente e fundamental na prosa machadiana. Verifica-se a inclusão do leitor na narrativa no seguinte trecho:

- a) “A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade.” (3º parágrafo)
- b) “Quando não vinha a quantia, vinha promessa: ‘gratificar-se-á generosamente’ – ou ‘receberá uma boa gratificação’. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa.” (4º parágrafo)

- c) “Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres.” (1º parágrafo)
- d) “O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.” (2º parágrafo)
- e) “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas.” (1º parágrafo)

5. (UNESP - 2018)

Embora não participe da ação, o narrador intromete-se de forma explícita na narrativa em:

- a) “Há meio século, os escravos fugiam com frequência.” (3º parágrafo)
- b) “O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões.” (2º parágrafo)
- c) “A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca.” (1º parágrafo)
- d) “Mas não cuidemos de máscaras.” (1º parágrafo)
- e) “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão.” (3º parágrafo)

6. (UFU - 2018) adaptada

Em suas obras, Machado de Assis faz questionamentos de várias teorias de sua época, como a darwinista, a evolucionista e a positivista.

Além de críticas, em *Quincas Borba*, Machado faz uma caricatura do

- a) Naturalismo ao submeter Sofia à fatalidade das leis naturais.
- b) Romantismo ao exaltar Palha como um típico burguês em ascensão.
- c) Absolutismo ao caracterizar Rubião como imperador.
- d) Determinismo ao projetar em Palha a vitória do mais forte.

7. (Enem 2ª aplicação - 2016)

Esau e Jacó

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos.



Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

ASSIS, M. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964 (fragmento).

O fragmento do romance *Esaú e Jacó* mostra como o narrador concebe a leitura de um texto literário. Com base nesse trecho, tal leitura deve levar em conta

- a) o leitor como peça fundamental na construção dos sentidos.
- b) a luneta como objeto que permite ler melhor.
- c) o autor como único criador de significados.
- d) o caráter de entretenimento da literatura.
- e) a solidariedade de outros autores.

8. (UNIFESP - 2016)

O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do “romance que narra a si próprio”, apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Émile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa. A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

(Antonio Candido. Vários escritos, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- a) Machado de Assis.
- b) José de Alencar.
- c) Manuel Antônio de Almeida.
- d) Aluísio Azevedo.
- e) Euclides da Cunha.



Texto para as questões 9 e 10:

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, O cortiço.

9. (FUVEST - 2015)

O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseia-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só NÃO se encontra a

- a) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
- b) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
- c) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
- d) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
- e) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

10. (FUVEST - 2015)

Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto – e na obra a que pertence – a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a

- a) exaltação patriótica da mistura de raças.
- b) necessidade de autodefinição nacional.
- c) aversão ao cientificismo.
- d) recusa dos modelos literários estrangeiros.
- e) idealização das relações amorosas.

11. (FGV – 2015)



“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas.

Raul Pompeia, O Ateneu.

Uma nota pessoal do autor de O Ateneu, Raul Pompeia, registra que, na sua concepção, “a prosa tem de ser eloquente, para ser artística, tal como os versos”. Essa concepção

- I. manifesta-se na composição do trecho de O Ateneu, aqui reproduzido;
- II. orienta igualmente a prosa machadiana de Quincas Borba;
- III. contraria o ideal estilístico do autor de São Bernardo, Graciliano Ramos.

Está correto o que se indica em

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) I e III, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

12. (Unicastelo - 2014)

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos,



viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele admirou-se de semelhante escolha e disse-lho.

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, – únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte¹.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade²; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um régimen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações³ do esposo; e à sua resistência, – explicável, mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

(Machado de Assis. O Alienista, 1988. Adaptado.)

¹ esposa

² paciência para suportar adversidades

³ reprimendas

Com base na leitura do trecho e na obra de Machado de Assis, é correto afirmar que

- a) Simão Bacamarte descreve a esposa segundo os preceitos românticos, reconhecendo-lhe, portanto, a aparência frágil e idealizada das donzelas.
- b) o narrador, ao apresentar o protagonista aos leitores, confere-lhe atributos que não distinguem, significativamente, o médico de Itaguaí de outros colegas de profissão.
- c) Simão Bacamarte mostra-se uma pessoa benévola ao perdoar dona Evarista, apesar de ela lhe ter omitido que não podia gerar os filhos que ele tanto desejava.
- d) o doutor Simão Bacamarte é personagem tipicamente machadiano, pois todos os seus esforços o levam, seguramente, à realização de seus intentos.
- e) as atitudes do protagonista permitem ao autor fazer uma análise irônica da crença no poder da Ciência para a resolução dos problemas da existência humana.

Texto para as questões 13, 14, 15 e 16

CAPÍTULO XXI

Na estação de Vassouras, entraram no trem Sofia e o marido, Cristiano de Almeida e Palha. Este era um rapagão de trinta e dois anos; ela ia entre vinte e sete e vinte e oito.

Vieram sentar-se nos dois bancos fronteiros ao do Rubião [...].



[Rubião] — O senhor é lavrador?

[Palha] — Não, senhor.

[Rubião] — Mora na cidade?

[Palha] — De Vassouras? Não; viemos aqui passar uma semana. Moro mesmo na Corte. Não teria jeito para lavrador, conquanto ache que é uma posição boa e honrada.

Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria? O pajem ia ser forro, logo que ele entrasse na posse dos bens. Palha desconversou, e passou à política, às câmaras, à guerra do Paraguai, tudo assuntos gerais, ao que Rubião atendia, mais ou menos. Sofia escutava apenas; movia tão somente os olhos, que sabia bonitos, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor.

— Vai ficar na Corte ou volta para Barbacena? perguntou o Palha no fim de vinte minutos de conversação.

— Meu desejo é ficar, e fico mesmo, acudiu Rubião; estou cansado da província; 5quero gozar a vida. Pode ser até que vá à Europa, mas não sei ainda.

Os olhos do Palha brilharam instantaneamente.

Machado de Assis, Quincas Borba.

13. (FGV - 2014)

Manifesta-se, no excerto de Quincas Borba, um tema que, relativamente frequente na ficção dos dois últimos séculos, é central nesse romance, a saber, o tema

- a) do contraponto entre o apego provinciano à tradição e a modernização urbana.
- b) do interiorano ingênuo esbulhado pela gente da capital.
- c) do “fugere urbem” — o do abandono das cidades, em busca do bucolismo campestre.
- d) da mulher sentimental, dividida entre dois amores.
- e) da oposição entre tendências nacionalistas e cosmopolitas.

14. (FGV - 2014)

Vista no contexto da obra e observada nos termos em que se dá, a consideração da “questão servil”, que ocorre no excerto, remete a um contexto histórico no qual

- a) os processos de atualização em curso no País já encontram na escravidão um entrave ou um embaraço, tal como ocorre em O cortiço.
- b) o aumento desmedido do tráfico negreiro demanda a intervenção da Coroa, tal como ocorre nas Memórias de um sargento de milícias.

- c) o brilho social, a que almeja a Corte, se vê empanado pela presença dos escravos, tal como se postula em Senhora.
- d) já se considera a presença do elemento servil no ambiente escolar um impedimento à formação do jovem, tal como se declara em O Ateneu.
- e) a prefiguração do fim do cativo já enseja uma compreensão do Brasil como ente multirracial, conforme se verá, simbolicamente, em Macunaíma.

15. (FGV - 2014)

Entre as técnicas narrativas que entram na composição do excerto encontra-se

- I. o emprego dos discursos direto, indireto e indireto livre;
- II. o foco da narração incidindo primeiramente sobre a vida mental e de relação, mas bem situado em contexto histórico-social determinado;
- III. o narrador onisciente, que, no entanto, constitui as personagens principalmente a partir da disseminação de indícios e de sugestões, demandando a perspicácia do leitor.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

16. (FGV - 2014)

Empregou-se o presente com ideia de futuro no seguinte excerto do texto:

- a) “ela ia entre vinte e sete e vinte e oito”
- b) “conquanto ache”
- c) “ou volta para Barbacena”
- d) “Meu desejo é ficar”
- e) “quero gozar a vida”

17. (Mackenzie - 2013)

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza d terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. [...] Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora

de vinte e cinco anos, viúva de um juiz-de-fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. [...]

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos.

Machado de Assis, trecho inicial do conto "O alienista"

Observação –caçador de pacas perante o Eterno: alusão ao rei Nimrod, poderoso, arrogante e herege, famoso também por ser exímio caçador de javalis. A expressão, extraída do texto bíblico, tem conotações irônicas.

Com base no texto, considere as seguintes afirmações sobre Machado de Assis:

- I. Embora pertença ao Realismo, produziu também, na juventude, obras naturalistas, como, por exemplo, "O alienista", conto em que valoriza o cientificismo da época.
- II. Posicionou-se criticamente com relação aos valores de seu tempo, questionando a supremacia da perspectiva científica vigente na segunda metade do século XIX.
- III. A concepção irônica da vida já se revela no fragmento lido, na medida em que se frustra a confiança na avaliação científica do biótipo da mulher.

Assinale:

- a) se as afirmações I, II e III estiverem corretas.
- b) se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.
- c) se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.
- d) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
- e) se as afirmações I, II e III estiverem incorretas.

18. (FUVEST – 2012)

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito



eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrazeou-se. (...)

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, antes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo, O cortiço.

Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a

- a) desvalorização da mestiçagem brasileira.
- b) promoção da música a emblema da nação.
- c) desconsideração do valor do trabalho.
- d) crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
- e) tendência ao antilusitanismo.

19. (UNIFESP - 2011)

(...) Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito

robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

(Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas.*)

É correto afirmar que

- a) se trata basicamente de um texto naturalista, fundado no Determinismo.
- b) o texto revela um juízo crítico do contexto escravista da época.
- c) o narrador se apresenta bastante sisudo e amargo, bem ao gosto machadiano.
- d) o texto apresenta papéis sociais ambíguos das personagens em foco.
- e) os comportamentos desumanos do narrador são sutilmente desnudados.

20. (Enem - 2010)

Capítulo III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de argenteira, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria por na sala, como um pedaço da província, nem o pode deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. *Quincas Borba. In: Obra completa. V.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993 (fragmento).*

Quincas Borba situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside

- a) no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- b) no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- c) na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- d) na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.



e) na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

21. (UEPB - 2006)

Sobre *O cortiço* e *O alienista* NÃO é correto afirmar que:

- a) São textos literários que demonstram criticamente os impasses da modernidade nascente no Brasil, suas contradições e suas problemáticas relações de classe e poder.
- b) Representam um olhar ainda dependente das verdades científicas e intelectuais vindas da Europa, sobretudo da França, por isso são obras secundárias de seus autores, que só posteriormente alcançariam a “maioridade” literária.
- c) Estão na alvorada de uma dimensão verdadeiramente crítica da literatura brasileira, não se filiando servilmente aos padrões literários, e políticos, impostos pela Europa, nem tampouco ao idealismo ingênuo dos românticos.
- d) Cada um a seu modo, não se enquadram no pedantismo e na linguagem bacharelesca de seus contemporâneos. Lutam, ao contrário, por uma língua portuguesa mais direta e menos artificial.
- e) São exemplos do realismo internacional que tomou conta da literatura do ocidente a partir da década de 1850, sem deixarem de ser autores inseridos na problemática especificamente brasileira do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

5.2 – Gabarito

1. C
2. A
3. E
4. D
5. D
6. D
7. A

8. A
9. E
10. B
11. C
12. E
13. B
14. A

15. E
16. C
17. C
18. C
19. B
20. A
21. B



5.3 – Exercícios comentados

1. (FUVEST – 2019)

I. Cinquenta anos! Não era preciso confessá-lo. Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto* como nos primeiros dias. Naquela ocasião, cessado o diálogo com o oficial da marinha, que enfiou a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala, lembrou-me dançar uma polca, embriagar-me das luzes, das flores, dos cristais, dos olhos bonitos, e do burburinho surdo e ligeiro das conversas particulares. E não me arrependo; remoecei. Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus cinquenta anos.

*ágil

II. Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! É preciso explicar tudo.

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

A passagem final do texto II – “Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.” – denota um elemento presente no estilo do romance, ou seja,

- a) o realismo, visto no rigor explicativo dos fatos.
- b) a religiosidade, que se socorre do auxílio divino.
- c) o humor, capaz de relativizar as ideias.
- d) a metalinguagem, que imprime linearidade à narração.
- e) a ironia, própria do discurso positivo.

Comentários:



PEGADINHA

Essa é uma questão que demanda muita atenção. A maioria das alternativas contém traços de fato pertencentes ao estilo de Machado de Assis. É na explicação do uso desse elemento que está o erro.

A personagem do texto expõe de forma humorística sua decadência: ele se comporta como um jovem no baile, mas ao ir embora, sozinho no coche, sua velhice vem assombrá-lo. No entanto, o livro está sendo escrito por um defunto, ou seja, alguém que está num estado de decadência muito pior do que um homem vivo, independente de sua idade. O que ele deixa claro, porém, é que em cada momento do livro, reproduz seu pensamento e comportamento no momento descrito. Ele pretende, assim relativizar suas ações antiéticas (ex.: “não me

arrependo”) ou imorais: naquele tempo fazia isso, mas hoje já estou morto, então o que importa? A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois se o autor afirma que reproduz seu sentimento na época descrita, então não há necessariamente rigor explicativo dos fatos.

A alternativa B está incorreta, pois não há traços da religiosidade como socorro em Machado de Assis.

A alternativa D está incorreta, pois a metalinguagem, aqui, é utilizada como modo de digressão e, portanto, imprime fragmentação à narrativa, não linearidade.

A alternativa E está incorreta, pois a ironia em Machado está muito mais próxima de aspectos negativos do que positivos.

Gabarito: C

2. (FUVEST - 2018)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não estacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, O cortiço.

* ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

Uma característica do Naturalismo presente no texto é:

- a) forte apelo aos sentidos.
- b) idealização do espaço.
- c) exaltação da natureza.
- d) realce de aspectos raciais.
- e) ênfase nas individualidades.

Comentários: Especificamente no excerto destacado, há a presença de apelo aos sentidos. Termos como “ruído compacto”, “fermentação sanguínea” e “mergulham os pés vigorosos na lama preta” remetem aos sentidos (audição, olfato, visão e tato). No Naturalismo, o homem é encarado como produto de traços naturais, instinto, que, de acordo com o meio, a raça e o momento histórico, definem seu comportamento. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a idealização não é um traço característico do naturalismo. Isso é um traço do romantismo.

A alternativa C está incorreta, pois não há exaltação da natureza no naturalismo. Isso é um traço do romantismo.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de haver um reforço à ideia de raça no naturalismo, nesse trecho essa questão não é evidenciada.

A alternativa E está incorreta, pois o Naturalismo pensa o homem como **coletivo**, não como indivíduo.

Gabarito: A

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões 3 a 5:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza

implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

3. (UNESP - 2018)

A perspectiva do narrador diante das situações e dos fatos relacionados à escravidão é marcada, sobretudo,

- a) pelo saudosismo.
- b) pela indiferença.
- c) pela indignação.
- d) pelo entusiasmo.
- e) pela ironia.

Comentários: No trecho do conto “Pai contra mãe” apresentado, o narrador relata práticas e situações referentes ao período da escravidão de maneira irônica. Em trechos como “Eram muitos [escravos], e nem todos gostavam da escravidão”, “Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada” ou “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” há a presença da ironia. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois ele não afirma sentir saudade da escravidão, mas sim apresenta com ironia os hábitos da época: tortura até era algo bom, porque pelo menos as pessoas não bebiam. Isso não expressa uma opinião verdadeira.

A alternativa B está incorreta, pois ele usa diversos adjetivos para caracterizar as práticas da época da escravidão, demonstrando que não sente indiferença.

A alternativa C está incorreta, pois ao mesmo tempo que denuncia os acontecimentos, não faz elucubrações indignadas sobre o assunto. O texto não expõe diretamente sua indignação.

A alternativa D está incorreta, pois ele não demonstra entusiasmo quanto às práticas da escravidão.

Gabarito: E

4. (UNESP - 2018)

O leitor é figura recorrente e fundamental na prosa machadiana. Verifica-se a inclusão do leitor na narrativa no seguinte trecho:

- a) “A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade.” (3º parágrafo)
- b) “Quando não vinha a quantia, vinha promessa: ‘gratificar-se-á generosamente’ – ou ‘receberá uma boa gratificação’. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa.” (4º parágrafo)

- c) “Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres.” (1º parágrafo)
- d) “O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave.” (2º parágrafo)
- e) “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas.” (1º parágrafo)

Comentários: Em Machado de Assis, é comum que o narrador se refira diretamente ao leitor. Na **alternativa D** isso ocorre a partir do uso do modo verbal do imperativo (“imaginai”). Assim, ele busca incluir o leitor na narrativa e expor que ele é o receptor da mensagem enviada.

A alternativa A está incorreta, pois está narrando um fato sem se direcionar ao leitor.

A alternativa B está incorreta, pois não há termos que indiquem se direcionar para o leitor nesse trecho.

A alternativa C está incorreta, pois há uma descrição de objetos de tortura, não uma participação do leitor.

A alternativa E está incorreta, pois há uma descrição dotada de opinião do narrador, mas se a participação do leitor.

Gabarito: D

5. (UNESP - 2018)

Embora não participe da ação, o narrador intromete-se de forma explícita na narrativa em:

- a) “Há meio século, os escravos fugiam com frequência.” (3º parágrafo)
- b) “O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões.” (2º parágrafo)
- c) “A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca.” (1º parágrafo)
- d) “Mas não cuidemos de máscaras.” (1º parágrafo)
- e) “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão.” (3º parágrafo)

Comentários: A única alternativa em que o narrador se coloca de forma explícita é **alternativa D**: ao optar pelo verbo na primeira pessoa do plural, “cuidemos”, o narrador se expõe e se coloca junto ao leitor, se intrometendo na narrativa.

A alternativa A está incorreta, pois está apenas apresentando um fato, sem opinar sobre.

A alternativa B está incorreta, pois está apenas descrevendo uma ação da época.

A alternativa C está incorreta, pois apenas reproduz uma impressão da época, não sendo necessariamente sua opinião própria sobre o assunto.

A alternativa E está incorreta, pois está atuando apenas como um narrador onisciente, ou seja, que sabe tudo o que todas as personagens pensam.

Gabarito: D

6. (UFU - 2018) adaptada

Em suas obras, Machado de Assis faz questionamentos de várias teorias de sua época, como a darwinista, a evolucionista e a positivista.

Além de críticas, em Quincas Borba, Machado faz uma caricatura do

- a) Naturalismo ao submeter Sofia à fatalidade das leis naturais.
- b) Romantismo ao exaltar Palha como um típico burguês em ascensão.
- c) Absolutismo ao caracterizar Rubião como imperador.
- d) Determinismo ao projetar em Palha a vitória do mais forte.

Comentários: A ironia de Machado nesse caso está em apontar Palha como o “mais forte”. É preciso lembrar que, segundo a teoria determinista, os homens são resultado e três influências principais: o meio, o momento histórico e a raça. Naquelas condições, Palha era de fato o mais forte pois era o que melhor se adaptava às condições. Ele soube sobreviver e ascender socialmente a partir de suas ligações com os mais abastados e sua habilidade financeira. Por isso, a alternativa D é a mais correta.

A alternativa A está incorreta, pois Sofia não está necessariamente submissa às condições naturais. Ela atua sobre seu meio de modo a modificar as condições, elaborando-as racionalmente, não instintivamente.

A alternativa B está incorreta, pois a crítica ao Romantismo está na perda da idealização do casamento, não na figura de Palha como burguês.

A alternativa C está incorreta, pois Napoleão Bonaparte e Napoleão III não foram monarcas absolutistas. Além disso, a crítica está nos delírios de grandeza e em como ele precisava se sentir importante, não necessariamente ao sistema de governo de Napoleão.

Gabarito: D

7. (Enem 2ª aplicação - 2016)

Esau e Jacó

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos.

Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

ASSIS, M. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964 (fragmento).



O fragmento do romance *Esau e Jacó* mostra como o narrador concebe a leitura de um texto literário. Com base nesse trecho, tal leitura deve levar em conta

- a) o leitor como peça fundamental na construção dos sentidos.
- b) a luneta como objeto que permite ler melhor.
- c) o autor como único criador de significados.
- d) o caráter de entretenimento da literatura.
- e) a solidariedade de outros autores.

Comentários: O trecho destacado é bastante metalinguístico. Ele expõe o estilo literário da narrativa, em que o autor deixa implícitas as características do personagem para que o leitor as compreenda e relacione com as ações do livro (“par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro”). A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a luneta é uma metáfora para enxergar mais longe, não enxergar melhor. Lembre-se que no século XIX especificamente, utilizava-se a luneta para ações como observar o céu e as estrelas.

A alternativa C está incorreta, pois a percepção do leitor é parte da construção narrativa em Machado de Assis.

A alternativa D está incorreta, pois essa questão versa sobre a participação do leitor na construção de significados, não no caráter de entretenimento.

A alternativa E está incorreta, pois não há menção a outros autores no trecho.

Gabarito: A

8. (UNIFESP - 2016)

O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do “romance que narra a si próprio”, apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Émile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa. A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

(Antonio Candido. Vários escritos, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- a) Machado de Assis.
- b) José de Alencar.
- c) Manuel Antônio de Almeida.

- d) Aluísio Azevedo.
- e) Euclides da Cunha.

Comentários: Pelos trechos “despreocupação com as modas dominantes” e “cultivou livremente o elíptico, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa” é possível afirmar que ele trata de Machado de Assis. Há também referência ao uso da ironia em “A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida”. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois José de Alencar não é contemporâneo à escrita de Flaubert ou Zola.

A alternativa C está incorreta, pois Manuel Antônio de Almeida promove uma crítica à malandragem no Brasil, ou seja, à normalização do anormal.

A alternativa D está incorreta, pois Aluísio Azevedo se aproxima de Zola, não se opõe a ele.

A alternativa E está incorreta, pois Euclides da Cunha é um escritor de um momento posterior a esse.

Gabarito: A

Texto para as questões 9 e 10:

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, O cortiço.

9. (FUVEST - 2015)

O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseia-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só NÃO se encontra a

- a) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
- b) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
- c) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
- d) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.

e) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

Comentários: Ainda que o Darwinismo social seja uma característica do Naturalismo, nesse trecho não há referência aos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo. Por isso, a alternativa que apresenta incorreção é alternativa E.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois nesse trecho há a representação de um homem interagindo com o ambiente em “era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras”.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois nesse trecho há a exploração dos receptores mecânicos e sensoriais humanos em “ela era o calor vermelho das sestras da fazenda”.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois plantas e animais figuram e interagem, como em “era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida (...)”.

A alternativa D não apresenta incorreção, pois há ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose animal, como em “ela era (...) a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos”.

Gabarito: E

10. (FUVEST - 2015)

Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto – e na obra a que pertence – a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a

- a) exaltação patriótica da mistura de raças.
- b) necessidade de autodefinição nacional.
- c) aversão ao cientificismo.
- d) recusa dos modelos literários estrangeiros.
- e) idealização das relações amorosas.

Comentários:

A linha de continuidade entre os movimentos Romântico e Naturalista, a partir da leitura do excerto, é a menção à fauna e à flora brasileira.

O movimento romântico empregou a exaltação ao quadro físico brasileiro como instrumento de definição da nação que se tornava independente; o mesmo instrumental é empregado em O Cortiço com a descrição da natureza indicada no trecho, porém sem a idealização característica dos românticos.

Gabarito: B

11. (FGV – 2015)

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do

que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas.

Raul Pompeia, O Ateneu.

Uma nota pessoal do autor de O Ateneu, Raul Pompeia, registra que, na sua concepção, “a prosa tem de ser eloquente, para ser artística, tal como os versos”. Essa concepção

I. manifesta-se na composição do trecho de O Ateneu, aqui reproduzido;

II. orienta igualmente a prosa machadiana de Quincas Borba;

III. contraria o ideal estilístico do autor de São Bernardo, Graciliano Ramos.

Está correto o que se indica em

a) I, somente.

b) II, somente.

c) I e III, somente.

d) II e III, somente.

e) I, II e III.

Comentários:

O item I está correto, pois no trecho percebe-se um vocabulário extenso, além de um uso expressivo de figuras de linguagem.

O item II está incorreto, pois em Quincas Borba há uma tentativa de aproximação de uma linguagem popular, ainda que elaborada segundo a norma culta. Por isso, não é possível dizer que haja eloquência poética conforme sugere a fala de Raul Pompeia.

O item III está correto, pois de fato Graciliano Ramos tem uma escrita mais direta e objetiva. Veremos melhor seu estilo na aula do livro São Bernardo, também uma leitura obrigatória.

Gabarito: C

12. (Unicastelo - 2014)

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não

podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele admirou-se de semelhante escolha e disse-lho.

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas, – únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte¹.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade²; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regímen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações³ do esposo; e à sua resistência, – explicável, mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

(Machado de Assis. O Alienista, 1988. Adaptado.)

¹ esposa

² paciência para suportar adversidades

³ reprimendas

Com base na leitura do trecho e na obra de Machado de Assis, é correto afirmar que

- Simão Bacamarte descreve a esposa segundo os preceitos românticos, reconhecendo-lhe, portanto, a aparência frágil e idealizada das donzelas.
- o narrador, ao apresentar o protagonista aos leitores, confere-lhe atributos que não distinguem, significativamente, o médico de Itaguaí de outros colegas de profissão.
- Simão Bacamarte mostra-se uma pessoa benévola ao perdoar dona Evarista, apesar de ela lhe ter omitido que não podia gerar os filhos que ele tanto desejava.
- o doutor Simão Bacamarte é personagem tipicamente machadiano, pois todos os seus esforços o levam, seguramente, à realização de seus intentos.
- as atitudes do protagonista permitem ao autor fazer uma análise irônica da crença no poder da Ciência para a resolução dos problemas da existência humana.

Comentários: Bacamarte se casa com D. Evarista porque, segundo ele, ela “reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha

bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes”. Apesar de escolher sua esposa com base em critérios puramente científicos, eles não conseguem ter filhos, provando que nem sempre a ciência pode explicar ou prever tudo. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois Bacamarte descreve a esposa como “era mal composta de feições”, ou seja, uma mulher sem grandes atributos físicos, de tal modo que não o distrairia de seus propósitos de estudo.

A alternativa B está incorreta, pois Bacamarte é descrito como “o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas”.

A alternativa C está incorreta, pois não é possível auferir pelo texto se D. Evarista sabia ou não de sua impossibilidade de engravidar.

A alternativa D está incorreta, pois os planos e esforços de Bacamarte nem sempre são bem-sucedidos: seu desejo de ter filhos, por exemplo, não se concretiza independente da sua escolha minuciosa e científica de uma esposa.

Gabarito: E

Texto para as questões 13, 14, 15 e 16

CAPÍTULO XXI

Na estação de Vassouras, entraram no trem Sofia e o marido, Cristiano de Almeida e Palha. Este era um rapagão de trinta e dois anos; ela ia entre vinte e sete e vinte e oito.

Vieram sentar-se nos dois bancos fronteiros ao do Rubião [...].

[Rubião] — O senhor é lavrador?

[Palha] — Não, senhor.

[Rubião] — Mora na cidade?

[Palha] — De Vassouras? Não; viemos aqui passar uma semana. Moro mesmo na Corte. Não teria jeito para lavrador, conquanto ache que é uma posição boa e honrada.

Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria? O pajem ia ser forro, logo que ele entrasse na posse dos bens. Palha desconversou, e passou à política, às câmaras, à guerra do Paraguai, tudo assuntos gerais, ao que Rubião atendia, mais ou menos. Sofia escutava apenas; movia tão somente os olhos, que sabia bonitos, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor.

— Vai ficar na Corte ou volta para Barbacena? perguntou o Palha no fim de vinte minutos de conversação.



— Meu desejo é ficar, e fico mesmo, acudiu Rubião; estou cansado da província; 5quero gozar a vida. Pode ser até que vá à Europa, mas não sei ainda.

Os olhos do Palha brilharam instantaneamente.

Machado de Assis, Quincas Borba.

13. (FGV - 2014)

Manifesta-se, no excerto de Quincas Borba, um tema que, relativamente frequente na ficção dos dois últimos séculos, é central nesse romance, a saber, o tema

- a) do contraponto entre o apego provinciano à tradição e a modernização urbana.
- b) do interiorano ingênuo esbulhado pela gente da capital.
- c) do “fugere urbem” — o do abandono das cidades, em busca do bucolismo campestre.
- d) da mulher sentimental, dividida entre dois amores.
- e) da oposição entre tendências nacionalistas e cosmopolitas.

Comentários: Nesse trecho, se apresenta certa ingenuidade de Rubião, um homem de Barbacena, que dá muita atenção ao que falava Palha, independente do que fosse. Já a esperteza do casal aparece no olhar vivo de Sofia que percebe a riqueza de Rubião ou no brilho nos olhos de Palha, quando sobre uma possível viagem à Europa. Por isso a alternativa certa é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há apego à tradição em Rubião, mas sim vontade de participar da vida burguesa.

A alternativa C está incorreta, pois isso é um traço do Arcadismo, não do Realismo.

A alternativa D está incorreta, pois a mulher sentimental é típica do Romantismo, não do Realismo.

A alternativa E está incorreta, pois não há associação do interiorano aos ideais nacionalistas.

Gabarito: B

14. (FGV - 2014)

Vista no contexto da obra e observada nos termos em que se dá, a consideração da “questão servil”, que ocorre no excerto, remete a um contexto histórico no qual

- a) os processos de atualização em curso no País já encontram na escravidão um entrave ou um embaraço, tal como ocorre em O cortiço.
- b) o aumento desmedido do tráfico negreiro demanda a intervenção da Coroa, tal como ocorre nas Memórias de um sargento de milícias.
- c) o brilho social, a que almeja a Corte, se vê empanado pela presença dos escravos, tal como se postula em Senhora.
- d) já se considera a presença do elemento servil no ambiente escolar um impedimento à formação do jovem, tal como se declara em O Ateneu.
- e) a prefiguração do fim do cativo já enseja uma compreensão do Brasil como ente multirracial, conforme se verá, simbolicamente, em Macunaíma.

Comentários: O Brasil é um dos últimos países a abolirem a escravidão do mundo. Em O Cortiço, há uma expressão desse conflito, pois há personagens escravas sendo exploradas. Um país que se

pretendia moderno não podia concordar com a exploração de um homem pelo outro. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois nessa época já não havia mais tráfico de escravos no Brasil. Lembre-se que a lei que determina o fim do tráfico de escravos é de 1850 e o livro se passa após essa data.

A alternativa C está incorreta, pois possuir escravos era sinal de status, não diminuía em nada o brilho da corte.

A alternativa D está incorreta, pois não há referências à servidão no ambiente escolar nesse trecho.

A alternativa E está incorreta, pois não há aqui a discussão da miscigenação no Brasil.

Gabarito: A

15. (FGV - 2014)

Entre as técnicas narrativas que entram na composição do excerto encontra-se

- I. o emprego dos discursos direto, indireto e indireto livre;
- II. o foco da narração incidindo primeiramente sobre a vida mental e de relação, mas bem situado em contexto histórico-social determinado;
- III. o narrador onisciente, que, no entanto, constitui as personagens principalmente a partir da disseminação de indícios e de sugestões, demandando a perspicácia do leitor.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários:

O item I. está correto, pois há os três tipos de discurso no trecho:

Discurso direto: “— O senhor é lavrador?”

Discurso indireto: “Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política.”

Discurso indireto livre: “Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria?”

O item II. está correto, pois o narrador descreve a natureza das personagens, demarcando suas características, ao mesmo tempo que, por discutir escravidão, situa o livro no final do século XIX.

O item III. está correto, pois Machado trabalhava muito com a sugestão, descrevendo elementos que podem significar mais do que aparentam. O brilho nos olhos de Palha, por exemplo, pode significar interesse escuso.

Gabarito: E

16. (FGV - 2014)



Empregou-se o presente com ideia de futuro no seguinte excerto do texto:

- a) “ela ia entre vinte e sete e vinte e oito”
- b) “conquanto ache”
- c) “ou volta para Barbacena”
- d) “Meu desejo é ficar”
- e) “quero gozar a vida”

Comentários: Para compreender é preciso pensar na oração como um todo. Em “Vai ficar na Corte ou volta para Barbacena?” a locução verbal “vai ficar” caracteriza futuro. O presente, aqui, é empregado com a ideia de futuro. Portanto, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “ia” está no pretérito imperfeito.

A alternativa B está incorreta, pois “ache” está indicando hipótese, não tempo futuro.

A alternativa D está incorreta, pois “é” é uma expressão de presente em si.

A alternativa E está incorreta, pois “quero” é uma expressão de presente em si.

Gabarito: C

17. (Mackenzie - 2013)

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza d terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. [...] Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz-de-fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lhe. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. [...]

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos.

Machado de Assis, trecho inicial do conto “O alienista”

Observação –caçador de pacas perante o Eterno: alusão ao rei Nimrod, poderoso, arrogante e herege, famoso também por ser exímio caçador de javalis. A expressão, extraída do texto bíblico, tem conotações irônicas.

Com base no texto, considere as seguintes afirmações sobre Machado de Assis:

- I. Embora pertença ao Realismo, produziu também, na juventude, obras naturalistas, como, por exemplo, “O alienista”, conto em que valoriza o cientificismo da época.
- II. Posicionou-se criticamente com relação aos valores de seu tempo, questionando a supremacia da perspectiva científica vigente na segunda metade do século XIX.
- III. A concepção irônica da vida já se revela no fragmento lido, na medida em que se frustra a confiança na avaliação científica do biótipo da mulher.

Assinale:

- a) se as afirmações I, II e III estiverem corretas.
- b) se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.
- c) se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.
- d) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
- e) se as afirmações I, II e III estiverem incorretas.

Comentários:

A afirmação I. está incorreta, pois O alienista é uma obra realista, que critica posturas científicas muito caras principalmente ao movimento naturalista na época.

A afirmação II. está correta, pois uma das principais questões do conto é a crítica ao cientificismo e à crença irrestrita na ciência, muito em voga no século XIX.

A afirmação III. está correta, pois apesar de Bacamarte escolher sua esposa com base em critérios puramente científicos, eles não conseguem ter filhos, provando que nem sempre a ciência pode explicar ou prever tudo.

Gabarito: C

18. (FUVEST – 2012)

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrazeou-se. (...)

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste

de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Alúcio Azevedo, O cortiço.

Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a

- a) desvalorização da mestiçagem brasileira.
- b) promoção da música a emblema da nação.
- c) desconsideração do valor do trabalho.
- d) crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
- e) tendência ao antilusitanismo.

Comentários: Essa é uma questão interdisciplinar com história. A escravidão no Brasil criou uma ideia de que trabalhar era coisa de escravos, portanto uma atividade sem prestígio. A alternativa correta, portanto, é a alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há, nesse trecho, referência à mestiçagem no Brasil como algo a ser desvalorizado.

A alternativa B está incorreta, pois a música não é associada a um emblema nacional, mas sim a uma prática de Jerônimo.

A alternativa D está incorreta, pois apesar do narrador descrever que Jerônimo se “abrasileirou”, a ideia de caráter nacional se associa a uma formação de país, não a traços da personalidade do brasileiro.

ATENÇÃO: Ainda que pudesse haver uma ideia de “caráter nacional brasileiro”, ele não estaria associado apenas à presença da escravidão, como diz o enunciado e, portanto, a alternativa é incorreta.

A alternativa E está incorreta, pois não há o aparecimento de um antilusitanismo nesse trecho. Ele não se abrasileira por rejeitar Portugal, mas sim porque se habitua a nosso meio.

Gabarito: C

19. (UNIFESP - 2011)

(...) Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra,

ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

(Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas.*)

É correto afirmar que

- a) se trata basicamente de um texto naturalista, fundado no Determinismo.
- b) o texto revela um juízo crítico do contexto escravista da época.
- c) o narrador se apresenta bastante sisudo e amargo, bem ao gosto machadiano.
- d) o texto apresenta papéis sociais ambíguos das personagens em foco.
- e) os comportamentos desumanos do narrador são sutilmente desnudados.

Comentários: De maneira irônica, Machado de Assis apresenta o contexto da escravidão no Brasil. Ele descreve escravos sendo torturados, mostrando como aqueles que torturam não sentem culpa nenhuma. Há uma postura crítica em relação à essa situação, por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o texto de Machado de Assis é realista, não naturalista.

A alternativa C está incorreta, pois o narrador trabalha com tom humorístico para atenuar as questões morais.

A alternativa D está incorreta, pois ele apresenta a ambiguidade moral, não social.

A alternativa E está incorreta, pois não há o desnudamento dos comportamentos do narrador. É preciso que se interprete.

Gabarito: B

20. (Enem - 2010)

Capítulo III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom

pajem, que ele queria por na sala, como um pedaço da província, nem o pode deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. Quincas Borba. In: Obra completa. V.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993 (fragmento).

Quincas Borba situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside

a) no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.

b) no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.

c) na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.

d) na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.

e) na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

Comentários: O importante nessa civilização é parecer mais do que ser. O passado pobre de Rubião aparece na necessidade de ostentação: para que não restem dúvidas de que ele é rico, ele acha que precisa de objetos de ouro e prata – ao invés das estátuas de bronze – por exemplo.

A alternativa B está incorreta, pois não há nostalgia do passado, já que considera sua vida de rico muito melhor.

A alternativa C está incorreta, pois a referência a eles, nesse caso, não é necessariamente sobre quem são as pessoas, mas sim de qual material são feitas as estátuas.

A alternativa D está incorreta, pois os metais representam o grau de riqueza na cabeça de Rubião.

A alternativa E está incorreta, pois o estranhamento dele vem do fato de que estava habituado a pessoas negras o servindo. Não é, portanto, um sinal de xenofobia, já que os escravos também não eram necessariamente nascidos no Brasil.

Gabarito: A

21. (UEPB - 2006)

Sobre *O cortiço* e *O alienista* NÃO é correto afirmar que:

a) São textos literários que demonstram criticamente os impasses da modernidade nascente no Brasil, suas contradições e suas problemáticas relações de classe e poder.

b) Representam um olhar ainda dependente das verdades científicas e intelectuais vindas da Europa, sobretudo da França, por isso são obras secundárias de seus autores, que só posteriormente alcançariam a “maioridade” literária.

c) Estão na alvorada de uma dimensão verdadeiramente crítica da literatura brasileira, não se filiando servilmente aos padrões literários, e políticos, impostos pela Europa, nem tampouco ao idealismo ingênuo dos românticos.

- d) Cada um a seu modo, não se enquadram no pedantismo e na linguagem bacharelesca de seus contemporâneos. Lutam, ao contrário, por uma língua portuguesa mais direta e menos artificial.
- e) São exemplos do realismo internacional que tomou conta da literatura do ocidente a partir da década de 1850, sem deixarem de ser autores inseridos na problemática especificamente brasileira do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

Comentários: Tanto *O alienista* quanto *O cortiço* são obras de momentos maduros de escrita dos autores. *O alienista* é uma das primeiras obras da fase realista de Machado de Assis e *O cortiço* é a principal obra Naturalista no Brasil. Por isso, a alternativa que apresenta informação incorreta é alternativa B.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois ambos os livros promovem críticas a pensamentos estruturais do final do século XIX.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois obras da época do Realismo e Naturalismo, movimentos que negam características românticas e buscam referências no cotidiano brasileiro.

A alternativa D não apresenta incorreção, pois uma das características tanto do Realismo quanto do Naturalismo é a aproximação da linguagem do cotidiano, do povo.

A alternativa E não apresenta incorreção, pois o Realismo e o Naturalismo brasileiros se preocupam com o cotidiano carioca.

Gabarito: B

Referências

Encontram-se citadas aqui as obras mais importantes do período e a fortuna crítica – teóricos e textos que analisem a obra – utilizada.

6.1 – Obras principais

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Apresentação de Jean Pierre Chauvin. Estabelecimento de texto e notas de Jean Pierre Chauvin e José de Paula Ramos Jr. Ilustrações de Kaio Romero. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2016 (Coleção Clássicos Ateliê).

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. Disponível em: <http://tinyurl.com/yyem3bty>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis e o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2003.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.



PAULA, JÚNIOR, Francisco Vicente. Entrepalavras, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 129-138, ago/dez 2011. Disponível em:
<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/10/54>> Acesso em 02. Jul. 2019.

SCHWARZ, Roberto. Duas notas sobre Machado de Assis. In: SCHWARZ, Roberto. Que horas são? Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (p. 165-180).

_____. Um mestre na periferia do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

_____. Ao vencedor as batatas. 6. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 2012.

6.2 - Imagens

Figura 1 – Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gustave_Courbet_auto-retrato.jpg#/media/File:Gustave_Courbet_-_Le_D%C3%A9sesp%C3%A9r%C3%A9.JPG> Acesso em 03 mai.2019.

Figura 2 – Disponível em:
<<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/384288?&searchField=All&ft=bastille&offset=0&rpp=20&pos=2>> Acesso em 01 jul.2019.

Considerações finais

Na próxima aula, veremos alguns movimentos literários que, apesar de não possuírem nenhuma obra de leitura obrigatória no ITA, podem ser cobrados em questões de análise de literatura. Os movimentos são:

- Parnasianismo;
- Simbolismo; e
- Pré-Modernismo.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil





/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	09/05/2019	Primeira versão do texto.

